

Líderes acham que crise intranquiliza a nação

As lideranças dos cinco partidos começaram a reunir-se em caráter informal no Senado com o fim de examinar os desdobramentos da escalada da inflação na economia do país, assim como seus reflexos na política de abertura.

Esses encontros, que têm ocorrido isoladamente - ontem conversaram os líderes do PMDB, Paulo Brossard; do PDS, Jarbas Passarinho; e do PTB, Leite Chaves - não produziram nenhum resultado concreto, mas ressaltaram a sua preocupação com a maneira com que o Governo está enfrentando a crise econômica.

Enquanto o líder Jarbas Passarinho considera que a situação está difícil, embora "não ainda para alarmar", Paulo Brossard acha "ser preciso que o Governo primeiro, acorde, pois é o único despreocupado com o descalabro econômico".

Ao confessar as suas preocupações com a evolução da crise econômica e suas repercussões sobre o processo político, o senador Tancredo Neves indagava: "Eu pergunto quem, tendo responsabilidade aqui, não está preocupado com a situação". O senador Paulo Brossard, que recebeu vários políticos em seu gabinete, tomou a iniciativa de procurar a liderança do Governo a fim de exprimir suas preocupações com o momento nacional.

Em seu gabinete, na tarde de ontem, ao admitir que está conversando com parlamentares de seu partido - o PMDB - e de outros partidos, inclusive o PDS, o senador Paulo Brossard anunciava um discurso, ainda para esta semana, de sintética análise da situação, ao mesmo tempo em que acentuava:

Em janeiro deste ano eu disse que o Governo corre um grande risco se a situação se mantiver inalterável. E continuo dizendo a mesma coisa.

UNIÃO NACIONAL

Paulo Brossard, ao tomar conhecimento de que figuras como os senadores Tarso Dutra (PDS - RS) e Tancredo Neves (PP-MG) vinham preconizando uma união nacional em torno do Governo para a execução de um programa de salvação nacional, disse:

Eu compreendo que a situação é muito grave, mas acho que a Oposição não tem de se oferecer ao Governo como uma mulher de vida fácil. O Governo, que não parece ter acordado para a gravidade da situação, é que tem de procurar a Oposição.

Brossard referiu-se à continuidade do processo inflacionário, cuja evolução parece ignorar a terapêutica do Governo e lembrou as dificuldades que enfrentaram os agricultores de seu Estado com a orientação do ministro Delfim Netto, ao estabelecer o imposto de 15 por cento sobre a soja:

Eu disse que ele e o ministro Galvão não podiam ir ao Rio Grande, senão não voltavam. Perguntaram-me se era uma ameaça. Eu respondi que não, que era um ato de solidariedade humana - disse.

O líder do PMDB no Senado lembrou que o agravamento da situação econômica e social já era previsível em setembro do ano passado, quando o Governo achou necessário propor ao Congresso a extinção dos partidos.

E eu indagava para que acrescentar um problema a mais, a reorganização de partidos, dentro de um quadro tão crítico. Continuo fazendo essa mesma pergunta - acrescentou o Senador gaúcho.

Paulo Brossard não contesta a validade da tese de uma união das forças políticas para ajudar o Governo a sair da crise, mas adverte que não é a Oposição que deve tomar a iniciativa, mas o próprio Governo, que detém instrumentos de poder e que parece perplexo diante da situação.

Ele acentuou que a deterioração do quadro nacional é visível, não precisando ser profeta para prever consequências graves, mais cedo ou mais tarde. Lamentou que o Governo pareça alheio a tudo, como se o país estivesse mergulhado num verdadeiro mar-de-rosas e as explosões sociais não estivessem se verificando em toda a sua intensidade.

O senador gaúcho diz que está conversando "sobre a crise" e que continuará a conversar, seja recebendo companheiros do PMDB e de outros partidos, seja mantendo uma comunicação permanente com os seus colegas da liderança do Governo, para acompanhar a evolução dos acontecimentos.

MUITO GRAVE

O senador Tancredo Neves também considerou "muito grave a situação", em contatos com políticos e amigos com que ele estiveram, de manhã e à tarde, em seu gabinete. O senador mineiro manifestava a opinião de que, a continuar essa situação, o processo terá um desfecho dentro de três ou quatro meses, o mais tardar. Tancredo Neves acha que, para conjurar a situação, só um projeto de combate à inflação tão abrangente e complexo que suscitaria insatisfações. Para executá-lo, seria preciso fortalecer a base política do Governo, através de uma união nacional.

COMBATE RIGOROSO

Em seu gabinete, ao fim da tarde, o senador Murilo Badaró também manifestava receios quanto aos reflexos que o agravamento da situação econômica poderia ter sobre o quadro social e político,

comprometendo a própria abertura política. O senador mineiro também estava preocupado "com as perspectivas pouco otimistas que se vislumbra".

O senador gaúcho Tarso Dutra, também do PDS, manifestava o mesmo tipo de preocupações, concordando com a análise do senador Tancredo Neves e defendendo a tese de que o Governo deve propor, de imediato, um entendimento "com os homens responsáveis da Oposição", um entendimento que garanta a certas figuras oposicionistas a participação no Governo.

Tarso Dutra, que foi ministro da Educação, testemunhava os esforços do Presidente Figueiredo em consolidar a abertura, mas lembrava que o Presidente da República poderá ser vencido pelo império das circunstâncias, a que se referia Napoleão Bonaparte, observando que o Presidente Costa e Silva resistiu, até quanto pôde, à edição do AI-5, para, afinal, render-se à evidência de sua necessidade.

Para fortalecer a base de sustentação política do Governo e, assim, tornar praticável um programa de combate à inflação mais rigoroso, "que distribua os sacrifícios, controlando preços e salários", o senador gaúcho acha que só existe um caminho à vista - um governo de coalizão nacional.

O senador Leite Chaves, único membro e líder do bloco do PTB no Senado, mostrava-se impressionado com "o quadro de pessimismo dentro do Congresso" e procurava o senador Paulo Brossard para dizer que os políticos não podem continuar "à margem da crise, ignorando a sua perigosa evolução".

O presidente da Câmara dos Deputados, deputado Flávio Marinho, também reconhecia o pessimismo de todos com a evolução dos acontecimentos. Leite Chaves estava ontem disposto a propor uma reunião de todas as lideranças no Congresso para analisar a situação e tomar uma posição em face dos acontecimentos, posição que seria levada ao conhecimento do Presidente da República.

ENTENDIMENTO

O senador Nelson Carneiro disse que um governo de coalizão eliminaria a crítica ao Governo, porque não existiria mais oposição, considerando que a melhor solução é o Governo reformular sua política econômica para resolver o problema e a oposição fazer uma crítica contundente mas construtiva de tudo o que estiver errado.

No PDS, o partido do Governo, é onde mais se acentua a defesa da união nacional, com alguns de seus membros, como o senador Tarso Dutra (PDS-RS), defendendo uma participação dos partidos

de oposição em pelo menos quatro ministérios.

Igualmente, o senador Nilo Coelho (PDS-PE), 1º vice-presidente do Senado, defende o entendimento da Oposição com o Governo, para encontrar uma saída para a crise, que considera das mais graves da história do Brasil.

Ressaltou, porém, que esse entendimento não poderá ser feito sem uma agenda prévia, em que Governo e Oposição se entendam quanto à oportunidade de todas as lideranças políticas exercerem uma participação efetiva nas decisões.

DITADURA MILITAR

Mais pragmático, o senador Dinarte Mariz (PDS-RN) não acredita na tese. Para ele, o Governo deveria fixar diretrizes econômicas mais sólidas e consistentes, pois a sua inexistência, como considera ocorrer atualmente, "é muito pior do que a inflação".

Dinarte manifesta-se, porém, seriamente preocupado com os rumos que está tomando a questão social, que poderá ser agravada, segundo diz, pelo aumento de desemprego: "Se não houver uma solução para isso, caminharemos para uma ditadura militar. E, daí, é um pulo só para o comunismo" afirmou.

INEFICÁCIA

O senador Alexandre Costa, 1º secretário do Senado, e ainda sem partido, é outro defensor da união nacional. Argumenta ele que todas as idéias, tanto dos homens do Governo, como da Oposição, são válidas para se encontrar uma solução.

Eu, se fosse Presidente da República, disse ele, nomearia o Roberto Saturnino ministro do Planejamento imediatamente. É que se desse certo, o País teria uma solução, mas se o senador falhasse, este seria desmoralizado.

Alexandre acha que a situação só não pode ficar é como está, pois, como disse, se a inflação foi de 6,6 em março, ela não tem como ser menor em abril ou dezembro, muito pelo contrário, já que a política e os homens responsáveis para combatê-la continuam os mesmos.

Seja como for, as duas experiências de Governo de coalizão - a primeira no Governo Dutra, em 1948, e a segunda, no primeiro gabinete parlamentarista, em 1961 - revelaram-se ineficazes na solução das crises que as inspiraram, além de produzirem problemas de empreguismo, como lembrou o senador Nelson Carneiro, já que todo mundo-Governo e Oposição estava mais interessado em defender seus próprios interesses do que cuidar das questões vitais que afligiam o país.